

Santos vê Mário de Andrade musicado

Wilson Melo/Kronos

A ópera “Café”, com libreto do escritor e música de Koellreutter, estréia hoje no litoral

JOÃO BATISTA NATALI
da Reportagem Local

Estréia hoje em Santos a ópera “Café”, com libreto de Mário de Andrade (1893-1945) e música de Hans Joachim Koellreutter, 82.

O texto, sobre a crise da cafeicultura no início dos anos 30, estava pronto desde 1942, mas só agora foi musicado.

O espetáculo traz a direção cênica de Fernando Peixoto e terá récitas também amanhã e domingo. É uma produção da prefeitura local.

Eis alguns trechos da entrevista à Folha do compositor alemão, radicado no Brasil desde 1937.

Folha - O sr. chegou a ter algum contato pessoal com Mário de Andrade?

Hans Joachim Koellreutter - Falei com ele várias vezes, principalmente sobre o grupo Música Viva (coletivo de música experimental a partir dos anos 40).

Folha - Foi ele próprio quem mencionou ao sr. a existência dos manuscritos de “Café”?

Koellreutter - Quem conversou comigo sobre esse libreto foi a poetisa Oneida Alvarenga, amiga de Mário. Mas, nos anos 60, o libreto me foi copiado pela compositora Eunice Catunda.

Folha - O sr. e Mário de Andrade não concebiam o modernismo da mesma maneira. A erudição dele se direcionava ao nacionalismo...

Koellreutter - Não sei se foi bem assim. Há muito mito em torno de Mário de Andrade. Para mim, ele nunca se expressou como um na-

cionalista excluente.

Folha - Mas ele não se abriu ao dodecafônico (equivalência na escala de 12 tons), que passou a ser conhecido com o sr., no Brasil.

Koellreutter - Novamente, há nisso um pouco de mito. Quem me levou ao dodecafônico foi Cláudio Santoro, que era meu discípulo e escreveu serialmente alguns trechos de um trabalho. Foi no Brasil que comecei a escrever dodecafônica. Quando cheguei aqui, escrevia tonalmente, no estilo que hoje se chama “berlinense”.

Folha - Em resumo, não se pode dizer que “Café” será um encontro tardio das duas tendências do modernismo?

Folha Imagem

Koellreutter - Não sei. Deveríamos conversar mais detalhadamente.

Folha - Para compor “Café”, o sr. incorporou algum elemento harmônico do repertório popular?

Koellreutter - Há dois trechos, como um samba dodecafônico, que trazem o acompanhamento de um grupo regional.

Folha - Sua vivência estreita com a cultura e a música da Índia e do Japão chega a transparecer na partitura de “Café”?

Koellreutter - A mistura que eu faço da improvisação e da composição foi aprendida por mim na Índia. Eles têm uma música rigorosamente disciplinada, que misturam genialmente com uma intuição muito grande, o que chamamos de aleatorismo. Em segundo lugar, aprendi no Oriente a superação, a transcendência da forma simétrica. Eu uso em “Café” formas assimétricas.

→ LEIA MAIS sobre “Café” à pág. 4-3



O compositor alemão Hans Joachim Koellreutter, que musicou o libreto “Café”, de Mário de Andrade, sobre a crise da cafeicultura dos anos 30

Quem é H.J. Koellreutter

da Reportagem Local

Hans Joachim Koellreutter deixou a Alemanha para fugir do nazismo e foi quem introduziu, no Brasil, temas correntes nas discussões europeias dos anos 30 sobre a estética musical.

Flautista, maestro, musicólogo e compositor, criou o movimento Música Nova, que direta ou indiretamente polemizou com a corrente nacionalista, surgida com a Semana de Arte Moderna, de 1922.

Koellreuter lecionou na Bahia, Minas e São Paulo. Foram seus alunos mitos como Guerra Peixe, Cláudio Santoro e, na música popular, Tom Jobim.

Influenciado pela estética oriental, especialista em filosofia e história da ciência, é autor de teorias sobre a nova dimensão da idéia de tempo e espaço na música. Seu nome está associado a muitas gerações da vanguarda brasileira.



O escritor Mário de Andrade